



# Gaiato



4560 PENAFIEL  
TAXA PAGA

Quinzenário • 30 de Abril de 1994 • Ano LI - N.º 1308 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## ÁFRICA

# De dentro para fora se operará a libertação daqueles Povos

### Chegada de refugiados da Suazilândia

A nossa Casa de Maputo é próxima da Suazilândia, esse pequenino Reino de que se não fala porque não dá motivos para falar; e onde — quanto sei! — há ordem, há suficiência, há paz.

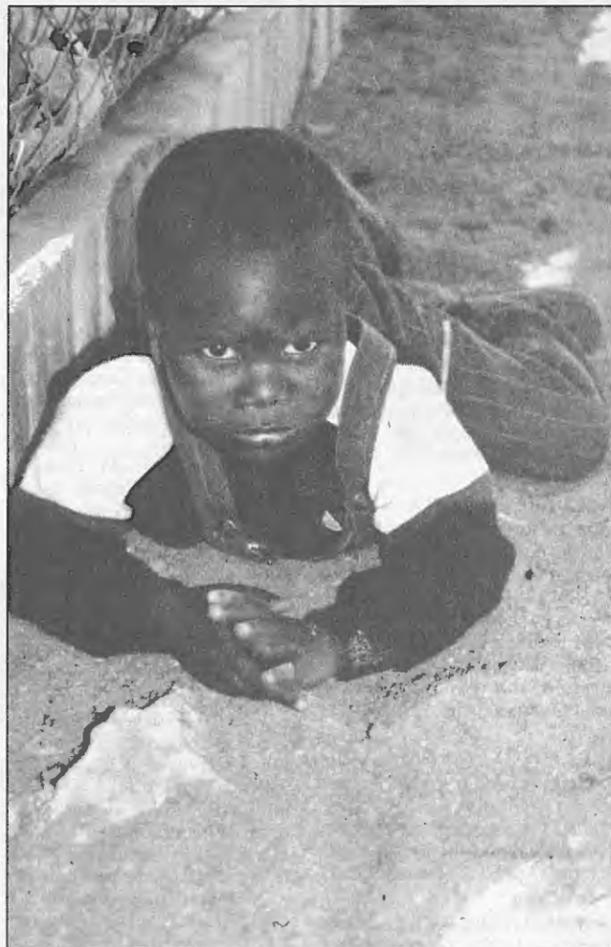
Pelo que observei nas chegadas semanais do comboio com refugiados moçambicanos que regressam à pátria e os desembarca um pouco antes de Boane, também estes participariam lá dessa suficiência, a julgar do equipamento que trazem: móveis e utensílios que, por regra, não se encontram nas aldeias aquém fronteira.

Da improvisada estação, camionetas transportam passageiros e bagagens às terras de cada um. Em Changanane assisti à descarga de uma destas camionetas à sombra de

árvores, abrigo que a natureza ainda oferece, apesar da destruição sistemática da floresta para lenha e carvão, o comércio e a «indústria» dominantes, diria mesmo, quase exclusivos. De resto, nada mais está preparado para os receber: nem palhotas nem terreno para lavras de mera subsistência, nem trabalho organizado que permita ganhá-la. Não fora o espírito solidário dos africanos — honra lhes seja! — que os leva a partilhar o pouco que haja, toda aquela gente se sentiria ainda mais deslocada na sua própria terra.

A primeira chegada — disseram-me — foi de rito festivo, com a presença de Chefes de Estado, Governo e Corpo Diplomático. Não sei se esses primeiros tiveram o privilégio de uma eficaz recolocação... Agora é a rotina: é como digo. Também não sei como será no centro e

Continua na página 4



## Património dos Pobres

### Aflições

FOI todo o dia, das oito da manhã à meia-noite e meia hora, em viagem de terra em terra, à procura de remédio para aflições que Pároco de seis freguesias da Beira Baixa trazia no coração.

A primeira paragem: na habitação de mulher divorciada por força da lei e não por sua vontade, reformada por invalidez, com dois filhos, a quem o marido exigiu dois mil contos pela metade da casa construída em terreno dos pais dela. Só conseguiu mil e quinhentos contos que pessoas amigas lhe emprestaram. A casa tem necessidade de obras. Passámos cheque.

Dali fomos parar a outra povoação. Um idoso de 82 anos, há muito retido na cama sem fala, com uma filha demente, aos gritos no quarto; e outra também demente a fazer as lides da casa. A mulher e mãe tinham ido a sepultar no dia anterior.

Quem há-de olhar pela vida destes três infelizes? Onde se abrirão as portas de instituição própria para a mais demente e as dum lar para os outros dois?

Pareceu-nos ser esta a melhor solução.

Mais: Rumo a outra povoação. Encontrámos mãe velhinha e filha inválida, ambas sentadas à porta. A doença prostrou aquela numa cadeira de rodas, sem ouvir; e esta é um corpo semi-morto. Dois netos já internados em instituição de menores e um na escola da rua que se recusou a vir connosco. Parte da casa, ainda em tijolo, nunca foi acabada.

Mandámos chamar o construtor e prometemos abrir as nossas portas aos dois primos que vagueiam pelas ruas.

Continua na página 3

A Mensagem deste tempo pascal toca-nos de perto. O Ressuscitado, embora envolto no mistério da sua Morte que nunca entenderemos suficientemente com a razão, senão com o coração — por nossa causa — aparece-nos próximo e com a mesma familiaridade de então. Sem aparênia espectacular nem ressaibos de magia.

As vestes são a história de cada um dos nossos. Sudário e Túnica os lugares donde vieram.

Se, em outros tempos, se vestiu de hortelão para dizer de si a quem O procurava com ardor; se se fez passar por forasteiro na caminhada dos desiludidos ou cozinheiro à beira do lago, foi para que percebêssemos outros cenários vivos. Em todos os tempos e lugares onde houver sofrimento consolado ou pão repartido abundantemente — ei-lo! Trespasado e Vivo. Por nossa causa, desde o princípio; e, assim, até à consumação.

A Luísa veio ontem ver os três. Um é mesmo nosso e as meninas, acolhidas em Coimbra, quase nossas. Seu coração preso a estes, não esquece outros amores aos quais dedica mais tempo e vida... E o Senhor passa

## Tribuna de Coimbra

### Mensagem

todos os dias à sua porta. Ela ainda não se apercebeu. — *Virá o dia!*, responde, desconcertada.

Os avós do «Gordo» aparecem cheinhos de mimos para o seu menino que «está muito melhor...». Depois, os olhos sempre marejados. A fogueira está no seu coração. As quedas dos seus não conseguiram apagar de todo a esperança. Está lá o Senhor vestido de Esperança.

Avó Mimosa veio ver o seu menino, também. Desceu dos altos e frios andares, daquele bairro

tenebroso, no Porto. Veio para ali, do Barredo. Fala sempre do carinhoso Pai Américo que em tempos lá conheceu: «*O senhor abade guarde sempre o meu menino...*». Avó Mimosa traz no coração ligaduras ensanguentadas; aquelas que prendem nas ruas, perdida, a sua menina grande.

Como gostei de, há dias, por lá passar com o Prior daquela zona e ver os meninos(as) da «passa» saudá-lo familiarmente. Ele, um sorriso fundo e cheio de perdão... e, a dor destes filhos perdidos.

O ano está todo ele cheio de Páscoa e as aparições do Ressuscitado, aqui e ali, surpreendentes.

Quisera porém que o perfume exalado no céu das catedrais, em torno daquele mistério de Morte e de Vida, atravessasse os gonzos e perfumasse não só os umbrais.

Mas nem sempre. A Luísa, a avó Mimosa e os seus lindos meninos estão cá fora. E o curioso é que uns e outros cheiram a Páscoa. É o Ressuscitado que toma conta. Uma vez a sorrir, outras a chamar. Mas sempre de braços e coração abertos.

Padre João

## Festas SETÚBAL

As nossas Festas aí estão preparadinhas com guarda-roupa adequado. Fruto do sacrifício de muita gente e da imaginação artística do Octávio.

O Padre Américo aparece, de novo, em grande plano como o explorador dos segredos naturais, poderosos auxiliares na educação do Rapaz da Rua.

Toda a poesia e simbiose das dificuldades dos rapazes e da oferta natural das lições magníficas do campo, do mar, da serra, das aves, dos animais e das flores, resulta um espectáculo bem encadeado pleno de mensagem, de arte, divertimento e beleza. A Festa está mesmo bonita!

Padre Acílio

30 de Abril, 21,30 h. — Auditório da Anunciada em SETÚBAL;

6 de Maio, 21,30 h. — Sociedade F. Perpétua Azeite-nense, AZEITÃO;

7 de Maio, 21,30 h. — S. João, PALMELA;

14 de Maio, 21,30 h. — Fórum Luiza Todi, SETÚBAL

20 de Maio, 21,30 h. — Sociedade F. Operária Amorense, AMORA.

## LISBOA

Já efectuámos quatro sessões, retribuídas com muito carinho dos nossos Amigos.

Continua na página 2

## Conferência de Paço de Sousa

**POBRES** — Curiosamente, topámos um grupo de Bombeiros Voluntários — alheios ao trânsito, a peões — preparando camas e colchões para uma família vítima do fogo que reduziu a cinzas casa e recheio.

Pouco depois, outro Voluntário traz à nossa mão um Pobre cuja mulher sofreu uma trombose e precisa de cama articulada. «Com as chagas que tem, já descansaria alguma coisa. Temos de a virar de duas em duas horas...» — disse.

Contou a sua história com lágrimas de sangue: Tem 74 anos. Trabalhador da construção civil, foi reformado com vinte e oito contos. Ela, pela lavoura, com vinte e cinco. Criaram três filhos. «Dois não fazem caso de nós» — afirma com aungústia. Afirmou conseguiu uma pessoa — a troca de mensalidade — para o ajudar no tratamento da esposa. «As nossas reformas não chegam... Mas tinha um dinheiro, que juntei durante a minha vida, graças à Senhora, e agora está a acabar. Com ela já gastei mais de 400 contos!»

Homem de mãos caledãs. Governado. Poupado. Lição para a sociedade consumista.

Procurámos, então, fazer um teste de cidadania, até para avaliarmos a «luta contra a pobreza»: o Semanel aceitou, com sacrifício, abordar pessoalmente um departamento oficial para hipóteses de auxílio. Foi lá uma, duas vezes... a pé. — Mandam-me sempre embora...!

Pelo Padre Júlio, o nosso Padre Baptista deitou a mão e resolveu o problema — com uma cama articulada do Calvário!

Um vicentino pegou na sua furgoneta e levou a dádiva abençoada ao domicílio da doente. Não vamos dizer de alegria, de tudo o mais naquele lar. Apenas isto: o filho que sente, no íntimo, amor à sua mãe, vem ter connosco — emocionado. Foi uma hora de Deus!

**PARTILHA** — O assinante 32763, de Mortágua, traz 6.000\$00 em cheque «para ajudar a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

Mais 15.000\$00, da assinante 57002, do Porto, «pequena ajuda para os Pobres, que distribuirão como melhor entenderem. Repito: é bem pouco, apenas uma pequena migalha para tanta necessidade dos nossos irmãos tão sofredores — pela doença, desemprego e outros males — mas dados com muito carinho. Peço uma oração por mim e pela minha família».

«Uma velha amiga», de Pinheiro de Loures, com 10.000\$00 «para os incapacitados físicos a que se refere a local sob o título Justiça e Caridade, n'O GAIATO de 19 de Março. É pequena a importância enviada, mas de todo o coração. E outros corações se abram para que muitos poucos façam muito para alívio e consolo dos que sofrem. Basta uma pequena referência no vosso Jornal para que eu saiba que receberam».

Dois mil, da assinante 11735: «Gostaria que fossem entregues a um Pobre muito necessitado, em sufrágio da alma de meu marido». E os habituais onze mil, da assinante 11902, «referente à minha mesada do mês de Abril».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**OFERTAS** — Recebemos muitos bolos dum casamento. Todos os dias oferecem donativos que são um dom de Deus. Agradecemos tudo.

**VISITAS** — Com a chegada da Primavera a nossa Aldeia tem outro visual. As árvores de fruto, e outras plantas floridas, são a grande atracção dos nossos Amigos. Ultimamente, recebemos excursões de vários pontos do País.

**AGRICULTURA** — Os campos foram lavrados e preparados para a sementeira da batata. Os nossos agricultores preocupam-se agora com a irrigação. A nossa horta também tem atractivos: a alface e a cebola já chegam à cozinha em grande abundância. Temos comido boa salada.

**ESCOLA** — O segundo período foi muito fraco. Houve muitas negativas e bastantes faltas. Por isso, alguns rapazes não acabaram o ano lectivo. Que o terceiro período seja melhor.

**SAPATARIA** — Tem estado parada porque o sapateiro adoeceu. Agora está ao serviço o ajudante — o «Tronchuda». Boas melhoras para o Vasco.

**ASSALTOS** — Continuamos a receber a visita de estranhos. Desta vez assaltaram o escritório do nosso Padre Carlos. A lavandaria também sofreu danos: levaram grande quantidade de lençóis, cobertores e outro vestuário. Mas para quê!?

**VIDA MILITAR** — O Tozinho foi para a tropa. É uma obrigação que temos de cumprir. Enfrenta uma vida nova e talvez uma fase mais complicada.

**PARQUE** — O nosso Padre Júlio aproveitou uma vaga dos estudantes e pô-los a pintar o parque. Ficou mais bonito e já apetece andar nele, seja a que hora for.

**TROLHAS** — Aproveitaram o bom tempo para pintar a casa-mãe, o salão e, também, para desentupir a rede de águas pluviais.

Xavier

**PEQUENO DIALÓGO** — Os miúdos da Primária estavam no recreio da Escola. Uns jogavam a bola, outros brincavam no parque.

Entretanto, salto ao recreio e dei de caras com o «Crista». Trazia uma bola de plástico debaixo do braço.

— Não vais jogar a bola com os outros?

— Não. Tenho medo. Levo caneladas!...

— O que vais fazer, agora?  
— Vou à tipografia, com o «Vitó», pedir umas folhas ao «Eusébio» para a Escola.

— Então vai lá.  
— O que gostas de fazer no teu dia-a-dia?

— Gosto de trabalhar na lenha, brincar com os meus colegas, no parque; e também gosto de ver televisão, principalmente «O Justicheiro».

— Não chegues tarde à Escola...  
— «Crista» tem oito anos. Anda na terceira-classe. Vai fazer um ano de Casa. Os pais estão presos e não tinham mais ninguém para olhar por ele e por três irmãs.

Disse-me, ainda, que se encontra bem, na Casa do Gaiato. Aqui fica um pequeno relato dum miúdo que viveu muitas dificuldades na vida e sente-se feliz por estar numa família grande. Boa sorte.

**FUTEBOL** — Depois duma série de empates, surgem as vitórias.  
No dia 10 de Abril defrontámos a equipa da Associação Desportiva e Cultural de Teibas, Pedrouços (Maia). Antes do início, alguns jogadores comentaram: «A equipa que vai jogar connosco é essa?! É fácil demais para nós...!»

No princípio, jogo muito confuso. O adversário concretizou no primeiro lance de perigo: 0-1.

O nosso técnico viu as coisas a correr mal. Deu instruções para dentro do campo, e, por conseguinte, praticámos melhor futebol. Decorridos alguns minutos, empatámos. Manteve-se um ritmo de muita luta até ao intervalo: 1-1. Na segunda-parte entrámos melhor, e 2-1 a nosso favor. A partir daqui os golos foram sempre seguidos. Resultado final: 11-2. Tiveram resposta à questão inicial.

Repórter X

## TOJAL

**OBRAS** — Começaram, há várias semanas, no nosso escritório. Sítio frequentado por muitas pessoas, tem que ser um local de trabalho bem apresentado e harmonioso. Só falta a mobília: secretárias, cadeiras, armários e arquivos. Ficou dividido em várias partes. Um lado para o nosso Padre Cristóvão. Outro, para os arquivos; e mais outro para o serviço de contabilidade, etc.

**SENHORAS** — As que se encontram na Obra da Rua deixaram a sua vida, lá fora, para se dedicarem ao gaiato. Não são muitas as que se despojam de si mesmas para tomar conta de crianças humildes. Rapazes sempre com a esperança de, um dia, poderem ter a sua própria família. Alguns, foram abandonados nas ruas... As senhoras

tratam e cuidam dos que mais precisam.

**ESCOLAS** — Com um mês de aulas, no terceiro período, já estão marcadas as datas para os testes. Esperemos que corram bem para os estudantes poderem passar.

**FUTEBOL** — Como as nossas Festas ocupam os fins-de-semana, só poderemos jogar no Verão. Ai mataremos as saudades... que tínhamos desde a Primavera.

**TEMPO** — Tem estado muito bom. Nós gostamos do tempo assim: nem chove nem faz muito sol. Bom para brincar ou descansar.

Joaquim M. F. Pinto

## Passado Presente Futuro

A rua era a minha vida. Os vícios eram os meus estigmas. Eu era uma criança difícil. Rejeitada por uma sociedade vil.

Encontrei uma Casa-Mãe. E uma grande Família também! Cresci e amadureci num tempo de risos e de lamentos...

Sou um homem livre e responsável. Reconstruí um mundo amável! Vale a pena lutar e vencer para melhor saber viver!

Manuel Amândio

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Na semana anterior à Páscoa visitámos o casal Maria do Céu, que estava triste. Na verdade, e como já foi revelado, o chefe de família, devido a um problema pulmonar, está impossibilitado de trabalhar e a mulher continua desempregada.

O flagelo do desemprego, que grassa por todo o lado, quase sempre atinge os desfavorecidos, os que mais necessitam dum posto de trabalho para sobreviver.

Apesar das dificuldades, ela não desiste. Aguarda resposta de várias empresas. Entretanto, sobrevive lavando roupa e por um ou outro serviço que surja. Dessa forma procura saldar algumas despesas quotidianas. Sabe um pouco de costura e, para melhor ultrapassar as dificuldades, pede uma máquina de costura a quem possa dispensá-la, para ganhar o pão. Poderá ser enviada para o Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682, Porto.

Próximo das festas pascais, constatando que praticamente nada tinham para comer, resolvemos dar, ao casal, alguma mercearia gentilmente oferecida

e uma ajuda em dinheiro para assim lhes proporcionarmos uma Páscoa digna e feliz.

Infelizmente, esta família é apenas um exemplo de muitas outras por todo o mundo. Não ignoremos o que se passa mesmo ao nosso lado... Em conjunto, vamos unir esforços a fim de providenciar auxílio, a todos os níveis, para estes nossos irmãos carenciados.

Bem haja e Deus vos ajude.

Casal vicentino

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

**PASSEIO ANUAL** — A nossa Associação efectuará o passeio anual, nos dias 18 e 19 de Junho, às Casas do Gaiato de Setúbal e do Tojal. Um passeio muito agradável que será para recordar. Teremos oportunidade de confraternizar com os colegas das duas comunidades e com o Padre Acílio e Padre Manuel Cristóvão e agradecer-lhes o árduo trabalho a que se têm votado, no desenvolvimento das duas Casas do Gaiato, continuando as pisadas do nosso querido Pai Américo.

**Itinerário: 18 de Junho** — Partida de Paço de Sousa, às 8 horas, com paragem no Lar do Porto, saindo daqui às 8,30 horas. Almoço em Leiria (cada um do seu farnel). Jantar na Casa do Gaiato de Setúbal e dormida na Arrábida.

**19 de Junho** — Partida da Arrábida às 9 horas. Missa e almoço na Casa do Gaiato do Tojal. Regresso ao Porto pelas 17 horas.

Todos quantos estejam interessados bom seria que fizessem a sua inscrição, o mais rápido possível, na Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, Casa do Gaiato, Paço de Sousa, 4560 Penafiel. Para qualquer informação contactar o Carlos Alberto, em Paço de Sousa, pelo telefone 055-752285.

Pelo entusiasmo que reina os 54 lugares da camioneta não chegarão para todos, sendo respeitadas as inscrições pela ordem de chegada. O preço por lugar é de 2.500\$00. Cada um pode levar esposa e filhos; e, também, lençóis, fronhas e toalhas.

Fernando Marques

## Retalhos de vida

### «Cacto»

Sou o Rui António da Rocha Pinto. O meu apelido é "Cacto". Vim de Penafiel para a Casa do Gaiato por causa de

minha mãe discutir com o meu pai. Depois separaram-se.

Aqui, estou bem, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Temos muitos amigos. Os nossos Pais parecem nossos pais. Tratam-nos bem, como se fosse em casa das nossas mães.

Estou cá há três anos e gosto de estar. Tenho 12 anos, cinco irmãos (três rapazes e duas raparigas). Quero ser camionista.

«Cacto»

## Alberto

Eu sou o Alberto. Tenho nove anos. Aos cinco fui abandonado pelos meus pais. O meu, batia muito à minha mãe e ela teve que fugir de casa. Comecei então a viver na rua. Lá o meu alimento eram os restos que encontrava. Um dia, quando estava a catar papéis para vender, uma senhora dirigiu-se-me e perguntou se queria morar na Casa do Gaiato de Moçambique. Aqui cheguei, há dois anos. Estudo, trabalho e quando crescer quero ser engenheiro civil.

Alberto Fernando

## Rogério

Eu sou o Rogério Pedro. Não sei quem são os meus pais nem onde andam. Tenho catorze anos. Quando pequeno vivi num infantiário. Chegando o tempo de sair, tive que ficar na rua onde a minha vida era guardar carros, carregar cestos pesados. Comia o que encontrava. Estou na Casa do Gaiato de Moçambique, há um ano, e na terceira-classe. Gosto de estudar. Trabalho na carpintaria e, futuramente, quero ser carpinteiro.

Rogério Pedro

## Júlio

En sou o Júlio Guilherme. Moçambicano. Tenho dezasseis anos. Aos dez, fui raptado — e o meu pai também. Vivi quatro anos no mato. A minha tarefa era roubar e matar. Sentia-me muito mal por ter que viver assim e sonhava com uma vida melhor. Depois de um grande ataque fui parar ao hospital. Consegui fugir. Pedi ajuda a pessoas amigas e estou aqui. Nunca tinha ido à Escola nem ouvido falar de Deus. Hoje, estudo na segunda-classe e estou a preparar-me para o Baptismo. Aprendi a pintar e quero continuar a ser pintor.

Júlio Guilherme

## Festas

Continuação da página 1

Os responsáveis do programa, e tudo o mais, continuam muito empenhados para que tudo decorra bem — até ao fim.

Joaquim M. F. Pinto

1 de Maio, domingo, 15,30 h — Salão Paroquial de BENEDITA;

8 de Maio, domingo, 15,30 h — ALGUEIRÃO (MEM-MARTINS);

15 de Maio, domingo, 15,30 h — LISBOA;

21 de Maio, sábado, 15,30 h — LOURES;

22 de Maio, domingo, 15,30 h — TORRES VEDRAS.

Continuação da página 1

Voltámos pela mesma estrada e muito depois fomos à procura da família de pastor que faleceu há pouco e deixou quatro filhos menores.

Encontrámos três deles no caminho, que nos encantaram com sua delicadeza, e, a pouca distância, topámos o barracão onde vivem. Sem portas nem janelas, com três divisões, telha vã muito esburacada, terra batida, com taipas a fechar as entradas. Lá dentro tudo muito pobre e limpo e bem arrumado. À porta, baldes de água limpa que vão buscar a poço distante.

Estava a mãe viúva. Narrou a sua vida, falou do futuro incerto de seus «queridos filhos».

## Coração angustiado

Olhámos ao longe a casa do senhor da quinta. Não vimos o seu coração. O nosso ficou angustiado.

Continuámos e fomos ver duas casas destelhadas. Uma construída há cinco anos e ainda não conseguiram telhá-la e acabá-la. Têm criado os filhos *nuns cubículos*.

A outra com o telhado abagado. Casa que já foi boa. Lá viveram mãe e filha, ambas viúvas. Agora só lá vive esta, não sabemos como. A mãe teve de recorrer a viver longe com outra filha. Demos-lhe palavra de esperança.

Era o fim do dia. Deixámos animado o Pároco que sempre nos acompanhou e que nos deixou sinais de bom pastor nas palavras e nas obras com todos.

No caminho um Amigo ofereceu-nos o jantar. Na viagem de regresso, na escuridão da noite e no vazio da estrada, rezámos ao Senhor e à Mãe do Céu, pois só Ele pode ajudar a encontrar soluções para as nossas inquietações.

Padre Horácio

# PATRIMÓNIO DOS POBRES



Vamos procurar dar casa digna aos sem-casa

## BENGUUELA

### As crianças são vítimas inocentes

ONTEM fui buscar o Osvaldo ao hospital de Benguela. Foi parar ali não porque estivesse doente mas porque não tinha outro lugar de acolhimento.

Os seus pais de sangue desapareceram. Abandonaram-no ainda pequenino e não apareceram mais, perdidos ou mortos. O Osvaldo foi salvo, e uma família acolheu-o em sua casa. Tinha uns pais novos.

Ao princípio tudo bem. O pequeno começou a dar problemas, entretanto. E a família nova não aceitou mais carregar com o peso

assumido. O Osvaldo voltou a perder o seu lar passando, então, a viver nos corredores do hospital. A partir de ontem tem a sua casa.

Estas crianças sofrem muito. Andam de um lado para o outro. Ficam sem raízes. Correm o risco de se perderem para a vida normal. Já desde a sua origem são portadoras, muitas vezes, de taras que, num ambiente estável, podem ser atenuadas. Mas se lhes falta esse ambiente na fase mais favorável do seu crescimento, ficam empobrecidos para toda a vida.

Que vai ser do Osvaldo? Ele tem, agora, dez anos e uma história complicada. Dá sinais claros de alguma instabilidade. Hoje, de

manhã, vi-o agarrado à vassoura a limpar o pátio da casa-mãe. São passos seguros de recuperação. É certo que olhamos com muita esperança para o garoto que entra em nossa Casa. Procuramos descobrir nele a riqueza suficiente para enfrentar, um dia, a vida que tem diante de si. Não queremos que ele venha a poisar noutra morada que não seja a da família que há-de formar mais tarde.

A situação por que este pequeno passou leva-me a reflectir sobre a sorte de muitas outras crianças, em condições semelhantes. O Osvaldo foi adoptado. A adopção falhou. Na fase que Angola viveu e continua a viver, com a destruição de lares, a separação das famí-

lias, morte dos pais e consequente aumento do número de filhos abandonados, a adopção pode ser uma das formas de encaminhamento destes. Trata-se duma grande responsabilidade assumida por todos os intervenientes e, em especial, por aqueles que decidiram tornar-se pais adoptivos. Primeiro que tudo é necessária uma relação afectiva suficientemente intensa para desejar ter aquela criança como seu filho, com todas as consequências que advêm da entrada de novo filho na família. Aqui não funcionam os laços de sangue mas os laços gerados pelo amor que são tanto ou mais fortes que os laços de sangue. Nem a morte deixa conseguir cortar esses laços. Se assim não for,

como será possível superar os problemas que aparecem sempre? Foi o que aconteceu com o Osvaldo. Ficou duas vezes abandonado. Pobres crianças!

Não basta, pois, a boa vontade. Esta, quando muito, ajuda a resolver as situações provisoriamente. Mas é pior ainda quando, por detrás dum gesto de acolhimento, esconde-se um fim interesseiro, em que a criança aparece como um pequenino criado.

Ao reflectir sobre este tema, o meu coração estremece de aflição, a pensar na multidão de crianças, vítimas inocentes da barbárie dos adultos, às quais não se dá o que por justiça e amor lhes pertence.

Consola-me ver, entretanto, que a alma deste povo anónimo não está morta. Olha para o futuro com esperança. O futuro das mães está nos filhos e é nelas que estou a pensar. Quando as mães se preocupam com o futuro dos filhos é sinal de que estão

vivas. Sendo a escola um caminho para o futuro, há um bom grupo delas que, de manhã, muito cedo, ainda antes do trabalho começar, vêm à nossa escola receber aulas de alfabetização. Muitas têm os seus filhos a estudar também. Há, assim, uma ajuda mútua. A mãe não falta às aulas para dar exemplo aos filhos e ter a autoridade para os mandar à escola... Por outro lado preparam-se melhor para os acompanharem. São sinais de vida.

Continuamos à espera da paz. Tarda tanto tempo a chegar... Mas vale a pena esperar sem desânimo — se ela vier com verdade.

Está pronta mais uma moradia para acolher um grupo de rapazes. Ando às voltas por causa das camas, pois custa-me um pouco deitá-los no chão ou na esteira. Várias organizações internacionais passaram por cá e dei-lhes o recado. É um pequenino problema que tem solução.

Padre Manuel António

## ENCONTROS em Lisboa

### Uma história simples

como simples são as tragédias humanas

HÁ certos dias e certos momentos que nos apetece correr para o cimo de um monte e gritar aos céus e aos elementos da natureza que seja feita justiça, já que os homens que a deviam trazer no coração para a aplicar, lavam as mãos. Vou contar, porque acho que não posso calar.

Há cerca de um ano recebi pedido de acolhimento de um menino. A história é simples como são simples as tragédias humanas. Um menino de Angola foi retirado da família por um casal que lhe fez promessas de o levar para Luanda e aí o educar e mandar à escola. O menino nunca mais soube da família e escola nunca a viu. Veio para Portugal. Apercebeu-se que a escola era tomar conta de tudo em casa e ainda ser fortemente castigado. Fugiu,

refugiando-se em famílias vizinhas que o acolheram, mas não podiam garantir a sua educação e crescimento. Recolhidos testemunhos mais do que suficientes decidi recebê-lo. Faltava a documentação.

Escrevi ao casal que o trouxe. Pedi ao pároco que fez todas as diligências possíveis. Pedi a vizinhos que convencessem o casal. O homem dizia que não era nada com ele, era com a esposa. A esposa dizia que não os dava, mas que ainda vinha era roubar o menino e despachá-lo para Angola ou entregá-lo à guarda...

Decidi escrever ao Ministério Público pedindo auxílio. A carta tem a data de 28 de Janeiro. Em 8 de Abril recebo ofício: «Pelo presente comunica-se a V. Exa. que foi proferido despacho de arquivamento em 94-4-6, uma vez que é impossível dar satisfação ao solicitado». Segue fotocópia da base da decisão: diligência da G. N. R.

Reza assim: «Que na verdade foi a declarante e o marido que trouxeram o menor... para Portugal... em virtude da precária situação da mãe e do país... Mais declara que não pode entregar os documentos do referido menor, em virtude de não os possuir, pois os mesmos encontram-se na posse do seu marido, o qual se encontra em Angola, presentemente, a trabalhar, desconhecendo a declarante a data provável do seu regresso. E mais não disse».

Aqui está... Será que o Ministério Público não pode fazer mais nada?

Qual vai ser a situação deste menino diante do Ministério da Administração Interna?

Nós podemos acolhê-lo, amá-lo, cuidar dele, mandá-lo à escola, dar-lhe condições humanas... Quais são as obrigações das instituições oficiais? Deportá-lo como ilegal? Estou disposto a ir com ele.

Padre Manuel Cristóvão

## Malanje dia-a-dia

26/3/94

«Pessoas, somente pessoas» — ouvi ontem a um sacerdote. De facto, mais que o dinheiro e os aviões carregados de milho são necessárias pessoas dedicadas e conscientes no atendimento e acolhimento dos Outros.

Chefes interessados no bem do seu povo e não apaixonados, simplesmente, pelos seus interesses.

Autoridades que não se demitam ou se deixem subornar. Almas devotadas que venham para servir os irmãos — sem a mira nos dólares.

Mal vai a uma cidade quando as leis em vez de serem ditadas por homens sensatos, isentos e bondosos, o são por cegas metralhadoras e, tantas vezes, nas mãos de crianças.

Padre Telmo

# ÁFRICA

Continuação da página 1

norte do país, relativamente aos regressados do Zimbabwe, do Malawi, da Tanzânia. Julgo que os espera semelhante vazio.

## Os caminhos para a paz serão duros e exigentes

Se a estas multidões juntarmos as dos deslocados, sim, embora dentro do país, e as dezenas de milhares que começaram a ser desmobilizados, compreende-se as nuvens negras que tornam pesado o próximo futuro nesta evolução para a paz, quase temida por alguns e indesejada pelos para quem a guerra

era modo de vida, às vezes, mesmo, bom negócio. A inércia é força poderosa. Os caminhos para a paz serão duros e exigentes de fortes convicções e de muita persistência. Mas são irreversíveis.

Esta tem de ser a grande opção do Povo moçambicano e dos outros em situação semelhante. Safdos de uma colonização dita genericamente (e na medida do genérico, levemente) de exploração, foram lançados e permanecem caídos numa colonização de auxílios humanitários, que podem matar a fome do momento, mas não conduzem à independência autêntica. Esta tem de ser obra deles mesmos. Só com cabeças disciplinadas e disciplinadoras, irrigadas pelo sangue da Justiça, mantidas frias pela paixão da Liberdade, imunizadas das

paixões do interesse-próprio! Eis o drama: Onde estão elas?

Duas vozes imparciais, porque de técnicos de números e de previsões, que lá ouvi e me impressionaram:

«O auxílio mais eficaz é o dollar que não chega.»

«Se a economia moçambicana crescer, desde já, 6% ao ano, só em 2005 o Povo recuperará os níveis de 1974.»

Este apresenta a condicionante utópica de uma meta já de si triste porque regresso a um estádio perdido há trinta anos. Aquele faz uma afirmação sociologicamente importante: Não é de fora, mas de dentro para fora, que pode acontecer a transfiguração que, finalmente e efectivamente, operará a libertação

daqueles Povos. Não é a partir de coisas; é a partir de pessoas. De pessoas de inteligência e coração ao Alto, só essas capazes de aterrar dentro e pôr (ir pondo...) com os que são de dentro, as condições *sine quibus non* da almejada transfiguração.

Consumada a descolonização que foi feita por alguns (e têm nome os que a fizeram!), as desgraças que resultaram dela são um apelo de remissão a todo o nosso Povo, ao qual quem dera muitos respondessem com o dom de si mesmos.

É neste contexto e nesta expectativa, com esta profunda intenção, que, concomitante à saída da presente edição d'O GAIATO, estarão mergulhando na formosa Serra do Diogo os alicerces da Casa do Gaiato de Maputo.

Padre Carlos

# SETÚBAL

Tudo empenhado no Bem!

«Quando um Pobre invoca o Senhor, Ele atende-o e liberta-o de todas as suas angústias.» (Salmo 34-7)

Esta dolorosa experiência do salmista e a certeza convicta com que louva o Senhor vem-lhe da verificação exacta do acontecimento.

O mesmo se passa com o grupo de jovens — rapazes e raparigas — envolvido, mais um casal e comigo, na luta para responder à injustiça dum tribunal humano.

Quando leres esta jubilosa glorificação ao nosso Deus, já a família da Rua Jacob Queimado habita a sua casa com dignidade e alegria.

A resposta ao grito do Pobre veio de Deus através dos seus filhos. O nosso Deus não é o Deus do milagrismo, mas o das Obras e da Verdade. Não é o Deus que dispensa a colaboração humana — mas a exige. É um Deus que salva e nos compromete a todos na Salvação. A Felicidade Eterna, segundo a pregação de Jesus, depende muito da

nossa responsabilidade assumida na ajuda ao Pobre. É quase uma condição essencial para a comunhão eterna com Deus! Daí que este grupo de jovens cristãos não teve medo ao sacrifício. Bater de porta em porta a pedir, é uma acção arrojada e difícil.

Ouvimos tudo. Exactamente como nos diz o Evangelho. Mas lançámos a rede ao mar. Apanhámos toda a espécie de respostas. Boas, encorajantes, animadoras e más. Mas foi uma grande lição. Assim se aprende e se verifica onde chega o Reino de Deus.

O argumento negativo mais comum foi o de que o Estado é que deve resolver estas situações. E nós de acordo. E quando vimos os dinheiros do Estado a gastarem-se em consumos supérfluos, inúteis ou politiqueros, ficamos perturbados de indignação e tristeza.

E se um órgão do Estado, como é o judicial, fundamentado em leis, põe na rua uma família indefesa como havemos de reagir?

Só a Caridade cristã pode responder com atitudes de generosidade e amor.

Lançámos a rede ao mar. A pesca em Setúbal não foi abundante, mas de todo o lado veio dinheiro que chegou e sobrou.

A casa foi vendida pelo Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social. Sempre me pareceu que ao Estado deveria caber uma boa parte da responsabilidade e o sacrificado dinheiro não deveria ser gasto de qualquer forma.

Encontrei naquela Instituição três assistentes sociais que não eram «técnicos», mas gente com coração de Mulher! Que se bateram pela nossa causa e se alegraram muito com a venda. Que ninguém me leve a mal. Tenho no ouvido a palavra do Padre Américo: «Às vezes, a técnica estraga tudo». Muito bem aplicado a tanta profissão! Quando se trata do social, se nos fundamentamos só no tecnicismo, fica realmente tudo estragado.

O Estado põe muito da sua sensibilidade social nas assistentes. E se estas não a têm, ficam as instituições do Estado cegas, surdas e aborrecidas — se as incomodamos. É assim nas Câmaras, nos Centros Regionais e noutros departa-

mentos oficiais e particulares.

Começámos a pedir no comércio da baixa. A gente sentiu as dificuldades dos comerciantes pequenos e a sua generosidade. São sempre os mais pobres que mais partilham. Depois desviámo-nos para as vivendas. Então aqui é que foi o bonito!

Faz muito bem à juventude sentir ao vivo as realidades anunciadas pelo Evangelho: — É mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico perceber as coisas do Reino de Deus! É mais fácil.

Não termina, com a entrega da casa, a nossa acção com a família de que falamos. Não. Agora é que ela começa.

A casa é um elemento fundamental, mas com ela querem os jovens cristãos construir a família; ou, pelo menos, ampará-la para que se não degrade — e cresça nos valores humanos.

De Palmela veio uma boa mobília de sala-de-jantar e de quarto. Os gaiatos fizeram a canalização toda nova e reconstruíram beliches para os quatro rapazes. Os jovens do grupo limparam, encheram a casa e puseram os filhos da família a capinar o quintal. Tudo a trabalhar! Tudo empenhado no Bem!

Padre Acílio

## PASSO A PASSO

Um encontro muito rico

VINHA a descer as escadas da casa. Já próximo da porta de saída lembrei-me que o Ricardo estava na cama de castigo. Voltei a subir para o ver. Parecendo-me que estava a dormir, chamei baixinho por ele e vi um rápido abrir e fechar de olhos denotando intenção de permanecer fechados. A pergunta de «o que é que se passa contigo?» obtenho como resposta um crescente choro que me fala de alguém que se sente perdido... Mas porquê?

Peço-lhe para se virar para mim, o que ele faz, e pergunto novamente, e por várias vezes, o que se passa...

A resposta acaba por vir quando a confiança o anima — são saudades da irmã que casara há pouco tempo e partira para o

Canadá. Embora tenha aqui com ele um irmão, o drama da separação familiar a que foi forçado, continua a constituir um vazio, ainda não totalmente preenchido.

Foi um encontro muito rico, o que tivemos. Ficou-me a dúvida: — Onde situar a razão de tudo isto?

Estou em crer que a causa mais profunda do sentimento que o inundava não seria anulada com a presença da irmã. Antes tal se deverá à falta daqueles que trouxeram à luz o Ricardo e demasiado cedo o abandonaram.

A natureza diz-nos que todo o fruto necessita de um tempo de amadurecimento na árvore-mãe antes de ser colhido para depois realizar a sua missão. Colhido antes do tempo não prestará para nada a não ser que se criem condições para o ajudar a amadurecer. E quanto mais próximas das

naturais, tanto melhor será o resultado e por isso mais saboroso o fruto...

Olhar o fruto, faz remontar o pensamento à árvore que lhe deu origem. Terá sido isto que aconteceu ao Ricardo! As saudades da irmã, ambos frutos da mesma árvore, serão principalmente saudades da mãe e do pai que um dia quiseram que ele nascesse mas não foram capazes de dar a vida que lhes competia comunicar. E assim, foi o fruto arrancado ainda verde.

Perante isto que fazemos nós? Damos-lhe o sangue que ele necessita, o coração de um pai e de uma mãe no seio de uma família de muitos irmãos!

Tu também partilhas da nossa vida e da do Ricardo, acreditando que só no amor que jorra do lado de Cristo se pode levar este menino a ser Homem.

Padre Júlio

## DOCTRINA



Não há rapazes maus  
PADRE FLANNAGAN

João Freitas entrou na Casa do Gaiato, não por doente do corpo, mas sim da alma; e está ali bem, porquanto essa Mansão é santuário de almas.

Era um vadio das ruas, tendo já estado por vezes a contos com a polícia. Pediram-me para o receber e eu disse que sim.

A nossa primeira conversa foi selada com um beijo na face, ao que ele respondeu com um «ai!, que nunca ninguém me beijou»; e nessa hora foi entregue aos trabalhadores da quinta, tendo sido, até à data, solícito assistente do hortelão.

Entrou com a nota de ladrão e tem furtado coisitas. O primeiro avanço foi feito a três armadilhas de passarinhos, dos outros garotos; e o outro furto foi encontrado na palha do enxergão.

Surpreendido pela evidência, o nosso pequeno moicante abre os olhos rasgados e humildes e declara que quer fugir.

«Não — disseram-lhe — não fujas que assim nunca te emendas.» «Deixa-te estar — continuaram — que serás curado e nunca mais furtas.»

As lágrimas caíam-lhe dos olhos hesitantes; parece não acreditar em meios benévolos, afeito como vem aos violentos. Lança frequentes olhares, naquele dia, a ver de que lado virá o pau e delibera fugir, com medo.

Fugiu e dentro de um quarto de hora regressava por si mesmo. A sopa estava na mesa, era a hora de jantar. Sentou-se no lugar dele com os olhos húmidos, retomou o seu trabalho e, até hoje, nunca mais furtou — a força do amor!

Não há garoto nenhum, absolutamente nenhum, que queira ser mau; maus são quase sempre os métodos de educar.

O nosso João Freitas é hoje o pequenino padre-mestre da pequena comunidade e tem sido já surpreendido a dar bons conselhos aos habitantes da Casa!

Senhor Doutor, vossa excelência já me deu um donativo à conta deste rapaz e prometeu continuar. Eu aceito, porquanto ele tem a mania de comer pão; mas o dinheiro perde todo o seu valor diante da possibilidade que se nos oferece de dar à Pátria um homem útil e são, tirado da valeta das estradas.

*Padre Flannagan*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)



**O Gaiato**

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp., Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Cont. 800768898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239